Reavivando o método qualitativo: as contribuições do Estudo de Caso e do *Process Tracing* para o estudo das Relações Internacionais

Reviving the qualitative method: the contributions of the Case Study and Process Tracing for the study of International Relations

Anna Beatriz Leite Henriques
Alexandre Cesar Cunha Leite
Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior

Resumo

O objetivo do artigo é expor as contribuições da utilização do estudo de caso e da ferramenta conhecida como *process tracing* para o estudo das Relações Internacionais (RI) visando reforçar a importância incontestada de se pensar metodologia de forma explícita, dando, assim, maior visibilidade aos referidos métodos no contexto acadêmico brasileiro. Para tanto, nas considerações iniciais, será abordada a importância do método qualitativo, especialmente no período conhecido como Renascimento (ou terceira geração) e suas contribuições para as RI. Posteriormente, será analisada a estratégia de pesquisa conhecida como Estudo de Caso e a ferramenta do *Process Tracing*: suas definições, tipologia e limitações. As considerações finais esboçarão um balanço de como ambas as estratégias podem auxiliar para uma constante evolução e renovo do campo das Relações Internacionais.

Palavras-chave

Metodologia; Estudo de Caso; *Process Tracing*; Relações Internacionais.

Abstract

The aim of this article is to expose the contributions of using case study and process tracing techniques in the field of International Relations (IR) aiming to reinforce the uncontested importance of debating methodology in an explicit way, therefore giving greater visibility to the referred methods in the Brazilian academic context. First, the importance and the contributions of the qualitative method will be analyzed, especially in the period known as Renaissance (or third generation). Subsequently, it will analyze the case study research strategy and the tool of process tracing: their definitions, typologies and limitations. The final considerations will delineate a balance of how both strategies may help a permanent evolution and renewing of the International Relations' field.

Keywords

Methodology; Case study; Process Tracing; International Relations.

Introdução

Nos Estados Unidos, bem como na Europa e mais recentemente no Brasil¹, observa-se que nas duas últimas décadas foi vivenciado um considerável aumento na utilização e no aprimoramento do chamado método qualitativo nas Ciências Sociais, em contraste com o período relativo ao final dos anos 1970 e o início dos 1990, palco de vívidas e constantes contribuições quantitativas, com inovações em métodos estatísticos e modelos formais (BENNETT e ELMAN, 2007a). Esse período, sem data específica de início, marca o que Bennett e Elman (2007a) denominam “renascimento da metodologia qualitativa”, movimento que propiciou a gênese de uma nova literatura que o dissemina e desenvolve através de maior consciência metodológica e profundo rigor científico.

Em contraste com a tendência descrita acima, no Brasil, em particular a Ciência Política apresentou um forte ímpeto de institucionalização e identidade enquanto Ciência. Contudo, no processo, existe uma tendência que aposta numa lógica de inferência e de fazer científico, próprios da tradição acadêmica estadunidense. Clara a essa perspectiva é a noção de que os métodos quantitativos e de formalização são as melhores formas de produção de conhecimento (REZENDE, 2011, p. 331), em detrimento dos métodos qualitativos. Outro problema, que faz contrastar o cenário brasileiro com o descrito por Bennett e Elman (2007a) é o que Soares (2005) aponta como “deficiências na formação metodológica” na academia nacional.

Diante deste cenário, a análise do panorama evolutivo dos métodos qualitativos, em particular do Estudo de Caso e do *Process Tracing* são fundamentais para instigar o pensamento metodológico brasileiro em busca de aportes de trabalho cada vez mais rigorosos e explícitos. Tarefa esta, audaciosa, ao apostar na ideia de que os métodos qualitativos podem possuir rigor analítico, mesmo que destoe do argumento de que existe apenas uma lógica de inferência (KING, KEOHANE e VERBA, 1994), na qual a quantificação e a mensuração são essenciais à produção de inferências fortes.

¹ Essa é uma constatação feita sobre o campo a partir da observação das Ciências Sociais nos EUA e Europa. Cabe agora, dando continuidade à indagação despertada na produção desse texto, averiguar se o mesmo movimento ocorreu no Brasil (parte da agenda de pesquisa a qual se integra esse artigo). De certa forma, nas Ciências Sociais, a Ciência Política tem estabelecido um diálogo cada vez mais próximo com os métodos quantitativos. A sociologia e a antropologia mantêm métodos específicos e mais qualitativos aplicados a seus estudos. Contudo, o reavivamento qualitativo tem retomado seu fôlego, para tanto, sugere-se ver Rezende (2011).

Outrora vistos como incompletos e insuficientes no tratamento de questões da *high politics*² onde historicamente houve predomínio dos métodos quantitativos, especialmente nos subcampos da política comparada e da política americana³, a nova geração da pesquisa qualitativa não apenas desenvolve e aplica métodos qualitativos, mas também o faz, frequentemente, em conjunto com abordagens formais, estatísticas e experimentais, encorajando o trabalho “multi método” (KING, KEOHANE e VERBA, 1994).

Testemunha da referida mudança é a área das Relações Internacionais (RI), cujo desenvolvimento esteve, e está, diretamente ligado à utilização e aplicação da metodologia qualitativa em seus postulados⁴. Os pesquisadores e estudiosos da área vêm aplicando uma ampla gama de critérios sofisticados e diferentes na seleção dos casos a serem estudados, incluindo os menos prováveis ou similares, e utilizando-se de “tipologias teóricas explanatórias para desenvolver generalizações contingentes de médio e longo alcance” (BENNETT e ELMAN, 2007b, p. 117). A forma pela qual o pesquisador escolhe um determinado caso impacta fortemente não apenas nos resultados que obterá na pesquisa, como na qualidade das inferências (GEDDES, 1990). A seleção intencional de casos, sem o devido cuidado metodológico, pode levar a falhas na investigação, ocasionadas pelo “viés de seleção” (LANDMAN, 2008). Essa estratégia de investigação, não possuindo os parâmetros e mecanismos de controle que os métodos comparativos estabelecem (LANDMAN, 2008), tem nas estratégias de seleção de caso um ponto central do seu rigor analítico.

Pedra angular dos supracitados avanços no campo das RI, a estratégia de pesquisa conhecida como Estudo de Caso, baseada em investigação empírica profunda, contribuiu de forma seminal para a maioria das temáticas debatidas dentro do campo, promovendo o desenvolvimento cumulativo das teorias de RI através de prescrições metodológicas rigorosas, sofisticadas e padronizadas (LANDMAN, 2008). Dentre as diversas tipologias de estudo de caso, o presente artigo focará sua análise na ferramenta conhecida como *Process Tracing*, que explora o processo através do qual condições iniciais desenvolvem-se em resultados, por meio da análise de diversas

² Nomeadamente, nas Relações Internacionais, refere-se a questões de guerra, paz, soberania, dentre outras temáticas.

³ Bennett e Elman (2007a) subdividem o campo da Ciência Política em três subcampos: política comparada, política americana e Relações Internacionais.

⁴ Contudo, não sem tensões. A década de 1960 foi palco de um acirrado debate entre as perspectivas “tradicionalistas” e “behavioristas” no estudo das Relações Internacionais, expondo divergências severas tanto sobre métodos, quanto sobre epistemologia. Os maiores expoentes deste debate foram Bull (1966) e Kaplan (1966).

variáveis e mecanismos causais. Ainda pouco presente no Brasil, o *Process Tracing* vem sendo amplamente utilizado no exterior, em particular como ferramenta de pesquisa auxiliar dos estudos de caso (GEORGE e BENNETT, 2005; VENNESSON, 2008; COLLIER, 2011; BEACH e PEDERSEN, 2013). Este método alia duas características antes em disputa no debate metodológico das Relações Internacionais: inferências a partir de processos históricos (interpretativismo) e rigor metodológico na busca de causalidade (explicação).

Assim, o objetivo do artigo é expor as contribuições do Estudo de Caso e do *Process Tracing* para o aprimoramento dos estudos na área das RI no Brasil a fim de contribuir para o progresso contínuo do campo e para o maior rigor científico de seus trabalhos. Para tanto, através da descrição e análise dos debates metodológicos relevantes ao tema, o artigo abordará, na primeira parte, a técnica do estudo de caso. Posteriormente, apresentará as tipologias e as contribuições do *Process Tracing* para a metodologia qualitativa no campo das Relações Internacionais.

Estudo de Caso: definição e aplicabilidade

Grande parte do conhecimento adquirido em diversas áreas e, mais especificamente, na área das RI, especialmente no campo da economia política internacional e da segurança internacional, é derivado dos estudos de caso (VENNESSON, 2008). A grande complexidade que caracteriza as questões internacionais tradicionalmente exige a análise de variáveis estruturais e sistêmicas e as interações entre diferentes atores em níveis distintos. De um modo geral, a busca pela explicação de processos complexos tem levado à necessidade de uma análise mais abrangente que trate a questão em sua totalidade. Lançando mão de uma analogia, trata-se da relação entre a árvore representando a especificidade e a floresta que representaria a totalidade. Entretanto, a busca pela generalização, por explicações parcimoniosas a partir daquilo que Evera (1997) chamou de “boa teoria” tem dado espaço a concepções metodológicas que visam priorizar a *profundidade* em detrimento da *generalização* do conhecimento produzido⁵. Nesse contexto:

⁵ Tendência semelhante pode ser observada no campo da Política Comparada. Landman (2008) aponta para a ampla utilização de estudos de caso como parte da estratégia de Política Comparada. Sobre a articulação entre estudos de caso e Política Comparada, ver o clássico artigo de Lijphart (1971).

[...] one important reason why qualitative methods have been important in IR research is that case study methods, especially the combination of process tracing and typological theorizing, have considerable advantages in studying complex phenomena (BENNETT e ELMAN, 2007a, p. 171, grifo do autor).

Assim, o renascimento dos métodos qualitativos nos Estados Unidos, em geral, e o aumento do uso dos estudos de caso, em particular, refletem a capacidade que ambos têm de compreender de forma mais abrangente os fenômenos e as vicissitudes que se configuram como objeto de estudo do campo.

Contrariando a visão de que não é possível generalizar a partir de um único caso, Flyvbjerg (2006) desmistifica alguns mal entendidos relativos aos estudos de caso. Muitos afirmam que o conhecimento teórico é mais importante que o prático, que um estudo de caso não pode, ou deve, contribuir para o desenvolvimento científico e que ele é mais apropriado para gerar hipóteses, ao invés de testá-las e gerar teorias a partir dele. Contrário a essas visões, o autor acredita que o estudo de caso é extremamente necessário e que, nas palavras de Kuhn (1987 *apud* FLYVBJERG, 2006, p. 242), “uma disciplina sem um largo número de estudos de casos exaustivamente executados é uma disciplina sem a produção sistemática de modelos, e que uma disciplina sem modelos é uma disciplina inefetiva”. Estudos de caso são essenciais para descrever, categorizar, gerar tipologias e hipóteses e, por fim, explicar manifestações de fenômenos a partir do estudo de eventos selecionados, úteis para lançar luz sobre uma classe de fenômenos (EVERA, 1997). As limitações quanto à possibilidade de generalização são balanceadas pela força na qualidade descritiva (descrição densa), no grau de imersão no objeto estudado, na possibilidade de sofisticar hipóteses e de observar mecanismos causais com maior clareza.

A forma e a influência dos estudos de caso variaram significativamente desde o final do século dezenove, com o trabalho de Frédéric Le Play (*apud* VENNESSON, 2008, p. 225), até os dias de hoje, e essa diversidade está refletida em objetivos, características e resultados alcançados pelos diferentes usos dessa estratégia de pesquisa (BENNETT e ELMAN, 2007b).

Nas Ciências Sociais, a utilização dessa ferramenta se inicia com a escolha do pesquisador por determinado “caso”. Este, por sua vez, geralmente configura-se como desafio às definições e às convenções então estabelecidas, provocando reflexão e apontando para a necessidade de ajuste de determinado aparato teórico para analisá-lo (PLATT, 1992 *apud* BENNETT e ELMAN, 2007b), demandando uma solução distinta às oferecidas pelas teorias existentes. Ou seja, as informações disponíveis são

insuficientes para entender e analisar determinada questão e, por isso, deve-se analisá-la de maneira distinta, a fim de elucidar novas conclusões a respeito do tema.

Dessa maneira, o estudo de caso pode ser definido como:

[...] a research strategy based on the in-depth empirical investigation of one, or a small number, of phenomena in order to explore the configuration of each case, and to elucidate features of a larger class of (similar) phenomena, by developing and evaluating theoretical explanations (RAGIN, 2000, p. 64-87 *apud* VENNESSON, 2008, p. 226, grifo do autor).

Essa ferramenta é utilizada para “desenvolver e avaliar teorias, assim como formular hipóteses ou explicar fenômenos particulares usando teorias e mecanismos causais” (BENNET, 2004, p. 21 *apud* VENNESSON, 2008, p. 227). O desafio do Estudo de Caso seria, então, descobrir o significado específico de determinada questão (ou caso) e extrair conhecimento generalizável que tenha relação com outros casos, uma vez ele é um fenômeno, escolhido e analisado empiricamente, e uma manifestação de uma classe de eventos maiores (VENNESSON, 2008).

O caso a ser estudado não deve ser entendido como parte de uma informação ou unidade de análise, mas, antes, como uma categoria teórica. Ainda, não deve ser visto como espacialmente delimitado, podendo sê-lo, ou não, a partir da conceituação teórica a ser utilizada pelo pesquisador. É importante ressaltar: (a) a atemporalidade⁶ do Estudo de Caso, ou seja, o objeto não deve ser obrigatoriamente contemporâneo, podendo ser do passado; e (b) a variedade na coleta de dados, podendo ocorrer de forma quantitativa ou qualitativa (VENNESSON, 2008).

Os estudos de caso podem ser sistematicamente divididos em quatro categorias, de acordo com os diferentes propósitos a que se destinam, podendo ser: (1) descritivos; (2) interpretativos; (3) geradores de hipóteses (heurísticos); e (4) avaliadores de teorias. Os descritivos são caracterizados pela descrição sistemática do fenômeno sem, contudo, possuírem aspirações teóricas em relação a ele. Esse tipo de estudo de caso é bastante comum na Antropologia e na História e sofre, muitas vezes, severas críticas quanto ao seu baixo rigor científico. Segundo Maoz (2002 *apud* BENNETT e ELMAN, 2007b), alguns estudos são considerados pesquisas livres, em que tudo é permitido e onde não há considerações metodológicas relevantes. Apesar das críticas, essa primeira categoria é assaz útil em uma dimensão descritiva de

⁶ Atemporal aqui não significa ser ahistórico.

determinado fenômeno e pode contribuir de forma significativa fornecendo uma releitura a questões outrora debatidas ou pouco abordadas⁷.

Os estudos de caso interpretativos se utilizam de um quadro teórico para explicar casos específicos, o que pode resultar em avaliação ou refinamento de teorias, enquanto os heurísticos objetivam gerar hipóteses de forma indutiva e/ou aprimorar as já existentes, oferecendo possibilidades para a análise, por meio de mecanismos causais alternativos e esclarecimento de determinadas variáveis. Por fim, os estudos de caso enquadrados na última categoria são empregados para avaliar se as teorias já existentes abarcam, e são suficientes, para analisar os processos e resultados dos fenômenos selecionados para análise (VENNESSON, 2008).

Uma grande contribuição do uso de estudos de caso nas RI é o desenvolvimento de conceitos diferenciados que ele proporciona, por meio de métodos qualitativos. Ao analisar casos específicos, utilizando-se de análises teóricas profundas, o pesquisador é capaz de fazer inferências e generalizar, de ver o geral a partir do específico, como aponta Collier (1999 *apud* BENNET e ELMAN, 2007b, p. 178). Bennet e Elman (2007b) elencam diversos exemplos de como os estudos de caso contribuíram para o aprimoramento e a formulação de teoria nas Relações Internacionais.

Um deles é o trabalho de Schweller (2006 *apud* BENNET e ELMAN, 2007b, p. 180), que investiga por que os Estados geralmente não se articulam em resposta a ameaças perigosas, em momentos em que um balanceamento de poder entre eles seria vital para deter as referidas ameaças. Analisando casos como o do Reino Unido e da França no período entre guerras, o autor argumenta que, quanto mais fragmentadas forem as elites nacionais e os grupos internos de um país, menos propenso ele estará a responder de forma ótima a pressões externas.

Indo de encontro ao tradicional pensamento de balança de poder vigente, de que as elites atingirão consenso em relação à atitude mais apropriada e, então, agirão para superar as querelas internas, Schweller (2006) propõe um novo modelo quadridimensional que envolve o consenso e a coesão das elites, a coesão social e a vulnerabilidade do regime. Ou seja, ao analisar detalhadamente diversos casos específicos, o autor chega a um novo modelo teórico que se contrapõe ao já existente, oferecendo assim uma nova possibilidade de análise da realidade apresentada.

A respeito dessa quebra com um paradigma tradicional na análise das RI a partir da utilização do estudo de caso, Bennet e Elman acreditam que:

⁷ Sobre a relevância de explicações específicas generalizáveis e não generalizáveis para a Ciência Política/Relações Internacionais, ver Evera (1997).

[...] *opening the black box and accounting for how states extract, apply, and react to changes in power allows for a more multifaceted appreciation of foreign policy and international politics. We suggest that this theory development would not have been possible without the authors' "close, creative engagement with cases"* [D. Collier, 1999, p. 5] (BENNET e ELMAN, 2007b, p. 180, grifo do autor).

Uma análise mais profunda das variáveis e dos mecanismos causais na análise de determinado fenômeno leva ao aumento no desenvolvimento de teorias e, conseqüentemente, à melhoria do quadro teórico das Relações Internacionais. Pensando no *trade-off*, em teorias parcimoniosas e na complexidade causal, a aposta nesta última permite, através da descoberta de novos mecanismos e caminhos causais vislumbrar falácias ecológicas e correlações espúrias (EVERA, 1997; LANDMAN, 2008).

Ancorado no pensamento de Gaston Bachelard, filósofo francês, Vennesson (2008) acredita que a abordagem empírica, que se preocupa apenas com os aspectos observacionais da atividade científica e busca generalizar suas conclusões, não é suficiente. Para ele, enquanto estratégia de pesquisa, o estudo de caso deve implicar uma ruptura com as categorizações convencionais em que o fenômeno a ser estudado está enquadrado, se esforçar para construir novas teorias e, ainda, ir além da simples análise dos objetivos e preferências dos atores. É necessário, antes, um estudo mais profundo dos diferentes fatores que alteram a variável dependente (o resultado a ser explicado), como o que acontece com a utilização da ferramenta conhecida como *process tracing*, a ser tratada na seção a seguir.

O Process Tracing

Formulado inicialmente por Alexander George, o *process tracing*, ou delineamento de processo, é entendido como “a procedure for identifying steps in a causal process leading to the outcome of a given dependent variable of a particular case in a particular historical context” (GEORGE e BENNET, 2005, p. 176). Ao utilizá-lo, o pesquisador desfruta de uma nova forma de aprender e avaliar empiricamente as preferências e percepções dos atores, seus objetivos, propósitos e valores, bem como as especificidades das situações enfrentadas por eles no contexto a ser analisado (VENNESSON, 2008). Nas Relações Internacionais, as melhores práticas referentes ao uso do *process tracing* na área incluem:

[...] *explicit attention to and process tracing on alternative explanations and on the hypothesis or explanation of most interest to the researcher; sustained focus on the question of “what else must be true” of the process through which the outcome arose if a proposed hypothesis explains the outcome; and the relentless empirical research on these hypothesized processes, using a wide variety of sources (often including archived documents, contemporary news accounts, secondary histories, biographies or memoirs, and interviews) with due attention to the potential motivated and informational biases of each source* (BENNETT e ELMAN, 2007b, p. 183, grifo do autor).

Através desses e de outros mecanismos, o *process tracing* auxilia na identificação dos mecanismos causais utilizando-se do *link* entre diferentes abordagens, tanto positivistas quanto interpretativistas, considerando que o fenômeno político a ser analisado não é linear nem muito menos constante. Dessa forma, representa uma fuga ao maniqueísmo tradicional e limitado de analisar um objeto de estudo por uma ótica apenas, permitindo aos pesquisadores explorar tanto o “que” quanto o “como”, e apresenta novas possibilidades de análise, com ênfase na causalidade, na dedução e nos mecanismos causais (VENNESSON, 2008).

Assim, em que sentido o *process tracing* pode ser diferenciado de uma simples descrição ou narração histórica? De acordo com Vennesson (2008), o *process tracing* é (1) *focado*, uma vez que trabalha apenas com um número limitado de aspectos de determinado fenômeno – e isso deve ficar muito claro ao longo da pesquisa; (2) *estruturado*, considerando que o pesquisador “desenvolve uma explicação analítica baseado em um quadro teórico identificado no desenho da pesquisa” (p. 235); e (3) *objetivo*, já que seu alvo é a explicação de um caminho causal que levou a um determinado resultado. Dessa forma, a ferramenta estudada ajuda a identificar a existência de relações causais, indo além da simples correlação, e a explicar de que forma elas estão interagindo (causação), a partir de uma análise empírica do fenômeno estudado.

Peter Hall (2000 *apud* GEORGE e BENNETT, 2005, p. 206), seguindo essa mesma linha de raciocínio, elucida que o *process tracing* pode também ser definido como “a methodology well-suited to testing theories in a world marked by multiple interaction effects, where it is difficult to explain outcomes in terms of two or three independent variables”. Sob uma perspectiva positivista, o objetivo de estudar o delineamento do processo seria estabelecer e avaliar a ligação, ou a ausência dela, entre os diferentes fatores envolvidos, por meio de análise crítica, com o objetivo de descobrir se um fator particular pode ser rastreado e ligado a outro (VENNESSON,

2008). Já sob a ótica interpretativista, a ferramenta de pesquisa do *process tracing* permite que o pesquisador avalie as maneiras pelas quais essas ligações entre variáveis são manifestas e em que contexto elas acontecem, ou seja, proporciona que a análise vá além do estudo do fato em si e chegue até as circunstâncias que o causaram, examinando as razões dadas pelos atores para as ações tomadas, comportamentos adotados e crenças embutidas no processo (VENNESSON, 2008).

Alexander George (1979 *apud* GEORGE e BENNET, 2005), precursor do *process tracing*, acreditava que a junção entre ambas perspectivas constituía a grande contribuição da ferramenta para a análise de fenômenos políticos, ao propiciar a possibilidade de analisar um fenômeno e, ao mesmo, tempo, teorizar a respeito – e a partir – dele. Referente a isso, George e Bennett apontam que o *process tracing* é:

[...] an indispensable tool for theory testing and theory development not only because it generates numerous observations within a case, but because these observations must be linked in particular ways to constitute an explanation of the case (GEORGE e BENNETT, 2005, p. 207, grifo do autor).

O elemento de causalidade, destarte, está no cerne da pesquisa que se utiliza desta ferramenta e a dependência das variáveis envolvidas no fenômeno é o que permite ao *process tracing* fazer inferências a respeito do seu objeto. Com isso, o *process tracing* vai além da lógica de correlação/associação (quanto mais ou menos X, logo mais ou menos Y), postulando a “causação” como a principal modalidade do *explanandum* ($X_1+X_2+X_3+X_n = Y$, de forma retroativa).

George e Bennet (2005) diferenciam alguns tipos de *process tracing*, do mais simples ao mais elaborado. Sob a forma de (a) narrativa detalhada, o *process tracing* apresenta-se como uma crônica que objetiva esclarecer a forma como um fenômeno ocorreu, não carecendo do uso de teorias ou variáveis teóricas correlatas. Já o (b) uso de hipóteses e generalizações constitui uma variação mais detalhada, e parte da narrativa vem acompanhada de hipóteses causais claras, sem necessariamente empregar variáveis teóricas ou fazer generalizações a partir do caso. A (c) explicação analítica, por sua vez, transforma a narrativa puramente histórica em uma explicação causal analítica ancorada em formas teóricas explícitas, e a forma dessa transformação depende da escolha do pesquisador. Finalmente, na (d) explicação mais geral, o pesquisador constrói uma explicação geral ao invés de delinear minuciosamente um processo causal, talvez por falta de acesso à informação ou caso essa abordagem adequar-se melhor ao cumprimento do objetivo inicialmente proposto (GEORGE e BENNET, 2005).

As técnicas do *process tracing* em suas mais variadas formas, conforme supracitado, devem ser adaptadas de acordo com o processo causal que caracteriza o objetivo ou fenômeno a ser estudado. Este processo, por sua vez, pode ser (a) linear e simples, o que dificilmente ocorre no campo das Relações Internacionais; (b) composto por variáveis causais não independentes que interagem entre si ou, ainda, (c) constituído por uma sequência de eventos, também conhecido como *path dependent*, o que exige do pesquisador maior atenção à possibilidade de dependência entre os eventos a fim de construir uma explicação válida para o resultado a ser analisado (GEORGE e BENNET, 2005).

Diante da vasta gama de tipos e processos causais envolvidos na escolha do pesquisador, é importante destacar que, para que a ferramenta do *process tracing* seja usada de forma ótima a fim de contribuir para o melhor desenho da pesquisa é necessário que o tipo de *process tracing* escolhido esteja de acordo com o processo causal em que o fenômeno está inserido. Ou seja, um fenômeno cujas variáveis estão interligadas e interagindo entre si não pode, ou não deve, ser analisado apenas por meio de uma narrativa detalhada, primeira variação do *process tracing* elencada acima, pois, ao fazê-lo, o pesquisador deixa de contemplar importantes nuances do processo que seriam melhor abordadas por meio do uso de hipóteses e generalizações que buscassem entender a relação entre as variáveis. Entende-se que a narrativa detalhada é essencial ao *process tracing*. O instrumento mostra-se diretamente relacionado à descrição histórica, contudo, tendo como pretensão analítica realizada por meio da descrição e, sobretudo, reconstrução e teste da hipótese ou teoria.

Apesar das inúmeras contribuições supracitadas da utilização dos estudos de caso e, particularmente, do *process tracing*, faz-se necessário esclarecer algumas limitações de ambos. A primeira delas diz respeito às teorias, pesquisas que se utilizam dessa técnica são todas dependentes de um aparato teórico anterior ao fenômeno estudado, que devem guiar o pesquisador ao longo do trabalho⁸. Entretanto, é necessário evitar o viés teórico proporcionado por algumas vertentes e superá-lo, através do desenvolvimento de novas teorias mais adequadas à análise em curso (VENNESSON, 2008).

Outra limitação diz respeito às fontes empíricas, de onde emana todo e qualquer estudo de caso e de cuja existência e acessibilidade eles são dependentes. No caso do *process tracing*, é imperativo que, para garantir o rigor científico e metodológico da pesquisa, um alto nível de precisão e confiança nos processos e

⁸ Deve-se aqui ressaltar o cuidado em evitar o entendimento sinuoso que passa pelos conceitos de teoria e método.

eventos analisados seja alcançado. Por isso, as fontes devem ser confiáveis e o seu conteúdo cuidadosamente analisado (VENNESSON, 2008).

Por fim, Vennesson (2008) alerta, ainda, para o perigo do viés de confirmação e aconselha que os pesquisadores façam um esforço para considerar hipóteses alternativas que poderiam, da mesma maneira, levar ao resultado (variável dependente) a ser estudado. Nesse sentido, o pesquisador, no geral, e os operadores da ferramenta do estudo de caso e *process tracing*, em particular, devem sempre estar guiados e ter em mente a pergunta “o que mais isso pode ser?” a fim de evitar pesquisas enviesadas, superficiais e contribuir para o aprimoramento e melhoria do conteúdo teórico e empírico do campo das Relações Internacionais. Desta forma, a clássica “dúvida sistemática” introduzida na filosofia da ciência por Descartes transborda para a forma de investigação do *process tracing*. A análise da validade e relevância das evidências, ou da ausência destas é objetivo de testes lógicos feitos para precisar a qualidade das inferências produzidas (COLLIER, 2011). Embora qualitativo, o *Process Tracing*, como o Estudo de Caso são abordagens que não abandonam a pretensão ao rigor científico.

Considerações Finais

O presente artigo procurou demonstrar a importância de contribuições seminais propiciadas pelo uso da metodologia qualitativa, em particular dos estudos de caso e do *Process Tracing*. Buscou-se investigar como a utilização destas estratégias de pesquisa impactou no desenvolvimento, amadurecimento e evolução do campo das Relações Internacionais. Este debate faz-se necessário, pois, durante as últimas décadas se testemunhou uma significativa melhoria nesses métodos, passando com isso a produzir ciência com maior rigor científico. Foi apresentado também que estas transformações se deram no contexto mais amplo do ressurgimento do debate metodológico nas Ciências Sociais, onde os métodos qualitativos reavivam como opções de pesquisa válidas e aceitas pela academia. Destarte estes elementos, lançar luz sobre esses processos contribui para iluminar a necessidade de um profundo debate metodológico nas Relações Internacionais no Brasil.

O fenômeno político que se configura como objeto de estudo das Relações Internacionais é, via de regra, um fenômeno complexo e, por isso, demanda análises que abarquem e sejam capazes de entendê-lo em sua totalidade. Esta totalidade pode tanto ser entendida como a compreensão de uma classe de fenômenos (Guerra) ou de eventos (manifestações de um determinado fenômeno, por exemplo: 2ª Guerra Mundial) que ilustre os mecanismos deste de forma mais profunda (EVERA, 1997). Assim o faz a técnica conhecida como Estudo de Caso, no geral, e a ferramenta do

Process Tracing, especificamente. A partir da seleção de um caso, embora não intencional, mas matizada por estratégias de seleção, é permitido gerar conhecimento sobre processos complexos. O *Process Tracing* faz com sensibilidade histórica e contextual, sem perder a preocupação em detectar a existência e direção das relações causais entre as variáveis explicativas do objeto sob escrutínio.

Ambas, Estudo de Caso e *Process Tracing*, ao proporem novas classificações para fenômenos políticos, gerando e testando hipóteses e propiciando a formulação de novas teorias mais condizentes com os objetos estudados, contribuem de forma expressiva para a consolidação definitiva das Relações Internacionais como campo de pesquisa, possibilitando uma análise mais densa e completa da realidade investigada. O amadurecimento metodológico faz-se imperativo para um campo que almeja, cada vez mais, independência e reconhecimento enquanto ciência; as técnicas aqui propostas demonstram potencial e constituem ferramentas necessárias para ajudar no alcance deste objetivo audacioso, porém possível.

■ Anna Beatriz Leite Henriques é Mestranda do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: biaahenriques@gmail.com.

■ Alexandre Cesar Cunha Leite é Doutor em Ciências Sociais/Relações Internacionais, atualmente é Professor do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: alexccleite@gmail.com.

■ Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior é Doutor em Ciência Política, atualmente é Professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: augustoteixeirajr@gmail.com.

Referências

- BEACH, Derek; PEDERSEN, Rasmus Brun. *Process-Tracing Methods: Foundations and Guidelines*. Michigan: The University of Michigan Press, 2013.
- BENNETT, A. Case Study Methods: Design, Use, and Comparative Advantages'. In: SPRINZ, D. F., NAHMIAS-WOLINSKY, Y. (eds.). *Models, Numbers and Cases: Methods for Studying International Relations*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004, p. 19–55.

- BENNETT, Andrew; ELMAN, Colin. Qualitative Methods: the view from the subfields. *Comparative Political Studies*, v. 40, n. 2, p. 101-121, fev. 2007a.
- _____. Case Studies Methods in the International Relations Subfield. *Comparative Political Studies*, v. 40, n. 2, p. 170-195, fev. 2007b.
- BULL, Hedley. International Theory: The Case for a Classical Approach. In: *World Politics*, Vol. 18, No. 3 (Apr., 1966), p. 361-377.
- COLLIER, D. Letter from presidente: Data, field work, and extracting new ideas at close range. In: *APSA-CP-Newsletter of the Organized Section in Comparative Politics of the American Political Science Association*, Vol. 10, 1999, p. 1-6.
- COLLIER, David. Understanding Process Tracing. *Political Science and Politics*, v. 44, n. 4, p. 823-830, out. 2011.
- EVERA, Stephen Van. *Guide to Methods for Students of Political Science*. Ithaca: Cornell University Press, 1997.
- FLYVBJERG, Bent. Five Misunderstandings About Case-Study Research. *Qualitative Inquiry*, Oslo, Norway, v. 12, n. 2, p. 219-245, abr. 2006.
- GEDDES, Barbara. How the Cases You Choose Affect the Answers You Get: Selection Bias in Comparative Politics. *Political Analysis*, Harvard, v. 2, n. 1, p. 131-150, 1990.
- GEORGE, A. L. Case Studies and Theory Development: The Method of Structured, Focused Comparison. In *Diplomacy: New Approaches in History, Theory and Policy*, ed. Paul Gordon Lauren, 43-68. New York: The Free Press, 1979.
- GEORGE, Alexander L.; BENNETT, Andrew. *Case Studies and Theory Development in the Social Sciences*. Cambridge: MIT Press, 2005.
- KAPLAN, Morton. The New Great Debate: Traditionalism vs. Science in International Relations. *World Politics*, v. 19, n. 1, p. 1-20, out. 1966.
- KING, G., KEOHANE, R. O., VERBA, S. *Designing Social Inquiry: scientific inference in qualitative research*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- KUHN, T. S. What are scientific revolutions? In: KRUGER, L., DASTON, L. J., HEIDELBERGER, M. (eds.). *The probabilistic revolution, Vol. 1: Ideas in history*, Cambridge: MIT Press, 1987, p. 7-22.
- LANDMAN, Todd. *Issues and Methods in Comparative Politics: an introduction*. New York: Routledge, 2008.
- HALL, P. A. *Aligning Ontology and Methodology in Comparative Politics*, artigo apresentado no Encontro Anual da Associação Americana de Ciência Política em Washington, D.C., 2000, p. 14-18.
- LIJPHART, Arend. Comparative Politics and the Comparative Method. *The American Political Science Review*, v. 65, n. 3, p. 682-693, set. 1971. Disponível em: <<http://dcpis.upf.edu/~raimundo-viejo/docencia/girona/Lijhardt.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2014.
- PLATT, J. "Case Study" in American Methodological Thought. In: *Current Sociology – La sociologie contemporaine*, 1992, Vol. 40(1), p. 17-48.
- RAGIN, C. *Fuzzy Set Social Science*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

- REZENDE, Flávio da Cunha. Razões emergentes para a validade dos estudos de caso na ciência política comparada. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 6, jul.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522011000200012&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 nov. 2013.
- SCHWELLER, R. L. *Unanswered threats: political constraints on the balance of power*. Princeton: Princeton University Press, 2006.
- MAOZ, Z. Case study methodology in international studies: from storytelling to hypothesis testing. In: HARVEY, F. P., BRECHER, M. (eds.). *Evaluating methodology in international studies*, Ann Arbor: University of Michigan Press, 2002, p. 161-186.
- SOARES, Gláucio Ary Dillon. O calcanhar metodológico da Ciência Política no Brasil. In: *Sociologia, Problemas e Práticas*, 2005, n. 48, p. 27-52.
- VENNESSON, Paul. Case studies and process tracing: theories and practices. In: DELLA PORTA, Donatella; KEATING, Michael. *Approaches and Methodologies in Social Sciences: a pluralist perspective*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2008. p. 223-239.

*Texto recebido em 12 de dezembro de 2014.
Aprovado em 19 de março de 2015.*